



Discipulado no Evangelho de Marcos: a vocação dos discípulos

Discipleship in the Gospel of Mark: the vocation of the disciples

Thyago Damas ^[a] 

Curitiba, PR, Brasil

^[a] Universidade Federal Tecnológica do Paraná (UTFPR)

Fernando Albano ^[b] 

Joinville, SC, Brasil

^[b] Faculdade Refidim

Como citar: DAMAS, Thyago; ALBANO, Fernando. Discipulado no Evangelho de Marcos: a vocação dos discípulos. *Revista Pistis & Praxis, Teologia e Pastoral*, Curitiba: Editora PUCPRESS, v. 17, n. 03, p. 608-624, set./dez. 2025. DOI: <https://doi.org/10.7213/2175-1838.17.003.A006>

Resumo

O discipulado é um dos temas centrais no Evangelho de Marcos. O evangelista narra não somente a história de Jesus, mas também a história de Jesus junto a seus discípulos. A narrativa marcana apresenta o discipulado como um processo contínuo de aprendizado, marcado por desafios, falhas e crescimento espiritual. Diferentemente de uma visão idealizada ou triunfalista, Marcos retrata os discípulos como indivíduos em formação, sujeitos a dúvidas, medos e falhas, mas chamados a uma caminhada de transformação. O objetivo principal deste artigo foi explorar o discipulado no Evangelho de Marcos, sob a perspectiva da vocação dos discípulos como chamado ou convite imediato e urgente. Esse chamado é

^[a] Mestre em Gestão Urbana pela Escola de Arquitetura e Design da Pontifícia Universidade Católica, e-mail: thyagodamas@gmail.com

^[b] Doutor em Teologia pelo Instituto de Pós-Graduação das Faculdades EST, e-mail: fernando@ceeduc.edu.br

explicitamente presente em toda a narrativa marcana, manifestando-se de maneira clara em três momentos distintos: a ruptura dos primeiros discípulos (Mc 1.16-18; 1.19-20; 2.13-14); os imperativos e exigências da dinâmica do caminho (Mc 8.34) e o recomeço após a ressurreição (Mc 16.7). Adota-se, como conceito de vocação, o chamado do discípulo para seguir Jesus (Mc 1.17-18) e se deixar conduzir por Ele (Mc 8.24) no “caminho”. O “caminho” é entendido como o itinerário existencial no qual o discipulado acontece. Conclui-se que a vida discipular em Marcos tem sua origem no chamamento (vocação), solidifica-se no seguimento do Mestre — como adesão pessoal a Ele e ao seu modo de vida — e cumpre sua missão ao comunicar a experiência de vida com Jesus durante o percurso itinerante, no encontro com o outro.

Palavras-chave: Discipulado. Evangelho de Marcos. Discípulo. Vocação e Caminho.

Abstract

Discipleship is one of the central themes in the Gospel of Mark. The evangelist narrates not only the story of Jesus, but also the story of Jesus with his disciples. The Markan narrative presents discipleship as a continuous process of learning, marked by challenges, failures and spiritual growth. Unlike an idealized or triumphalist view, Mark portrays the disciples as individuals in formation, subject to doubts, fears and failures, but called to a journey of transformation. The main objective of this article was to explore discipleship in the Gospel of Mark, from the perspective of the vocation of the disciples, as an immediate and urgent call or invitation. This call is explicitly present throughout the Markan narrative, manifesting itself clearly in three distinct moments: the rupture of the first disciples (Mk 1.16-18; 1.19-20; 2.13-14); the imperatives and demands of the dynamics of the journey (Mk 8.34) and the new beginning after the resurrection (Mk 16.7). The concept of vocation is adopted as the call of the disciple to follow Jesus (Mk 1.17-18) and to allow himself to be led by Him (Mk 8.24) on the “way”. The “way” is understood as the existential itinerary in which discipleship takes place. It is concluded that the life of discipleship in Mark has its origin in the call (vocation), is solidified in following the Master — as a personal adherence to Him and His way of life — and fulfills its mission by communicating the experience of life with Jesus during the itinerant journey, in the encounter with the other.

Keywords: Discipleship, Gospel of Mark, Disciple, Vocation and Path.

Introdução

No Evangelho de Marcos, a figura do discípulo autêntico de Cristo é complexa, pois não o identificamos em um primeiro momento ao olharmos as pessoas que seguem Jesus. Isto porque o discípulo em Marcos é apresentado como um espelho do mestre, ao olhar o discípulo, preciso enxergar o Mestre. Assim, ele é o “negativo” da foto do verdadeiro discípulo revelado em Jesus. Por isso, para obtermos uma visão ampla e integral do discipulado em Marcos, é necessário analisar a figura dos discípulos a partir de Jesus (Gomes, 2012).

Marcos, em comparação aos outros evangelhos, mostra com lente de aumento a relação de Jesus e seus discípulos. A vocação dos discípulos é inserida logo no começo, como primeiro ato da atuação pública de Jesus (Mc 1.16-20), o que mostra a relevância do discipulado desde o início da atividade pública de Jesus, demonstrando sua intenção de não realizar uma atividade missionária solitária, sem uma comunidade de vida. A partir deste momento, os discípulos estão quase sempre presentes. Marcos não fala “dos discípulos”, como Mateus e Lucas o fazem, mas “dos seus discípulos”. É assim até o penúltimo versículo (Mc 16.7) (Pohl, 2020; Terhorst, 2020).

No começo, os discípulos parecem um grupo privilegiado, uma comunidade modelo, pois aceitam imediatamente o chamado e logo começam a segui-lo (Mc 1.17-18; 2.14). Porém, ao longo das demais narrativas, começam a dar sinais de não entenderem a proposta de Jesus, pois: não compreendem as parábolas (Mc 4,13); não compreendem o projeto de Jesus, são cegos (Mc 6,49-52); lutam por poder (Mc 9,33-34); e na hora da prisão, traem, abandonam, negam e fogem (Mc 14,50). Parece que este é o modo que o evangelista Marcos usa para o leitor compreender que o mistério de Jesus não pode ser verdadeiramente acolhido senão com os olhos da fé.

Em uma caminhada-processo – como itinerário existencial onde acontece o discipulado –, os discípulos ouvem os ensinamentos de Jesus e testemunham a sua prática, e, aos poucos, descobrem quais mudanças devem ocorrer em suas vidas: o despojamento de toda ambição de riquezas, prazeres, honras, fama e poder; o serviço deve ser sem tiranias, em prol do Reino; o amor fraterno, até para com os “inimigos”; o perdão das ofensas; e a doação da vida. Desta forma, pela fé, os discípulos são convidados a “dar um salto qualitativo” no seguimento do Mestre Jesus para autênticos discípulos missionais.

Assim, a presente pesquisa tem como objetivo apresentar o discipulado no evangelho de Marcos sob a perspectiva da vocação dos discípulos, como chamado ou convite imediato e urgente, que acontece de forma explícita em todo o espectro da narrativa marcana, sobretudo em três momentos distintos: a ruptura absoluta dos primeiros discípulos (Mc 1.16-18; 1.19-20; 2.13-14); os imperativos e exigências da dinâmica do caminho (8.34); e o recomeçar após a ressurreição (16.7).

O Evangelho de Marcos

Os evangelhos surgiram da preocupação das comunidades cristãs do primeiro século em manter viva a memória de Jesus Cristo segundo a tradição recebida pelos que, por primeiro, deram testemunhos das palavras e ações de Jesus de Nazaré, esta conhecida como “tradição apostólica” (Soares & Correia Júnior, 2002). Assim, somente na segunda geração de cristãos, em que a maioria não conheceu Jesus em vida, somente os discípulos, buscou-se sistematizar todo o acontecido (vida, paixão, morte e ressurreição) em vários livros, chamados de evangelhos, nome que significa “boas notícias”. Com isso, conservou-se a memória escrita para a terceira e ulteriores gerações (Wenzel, 1997).

O Evangelho de Marcos é escrito aproximadamente no ano 68 d.C para os romanos. Mateus e Lucas, nos anos 80 d.C. e, João, em torno dos anos 90 e 95 d.C. (Wenzel, 1997). Marcos anuncia Jesus como o messias inesperado, não sendo de fato um “messias bem-sucedido”, porém como o Servo Sofredor que caminha para Jerusalém acompanhado de seus discípulos (Martínez, 2014). Mateus apresenta Jesus como Rei, Lucas como homem perfeito e João como Deus, o verbo encarnado. Os evangelhos foram endereçados a pessoas diferentes e a propósitos diversos (Lopes, 2017).

Jesus é apresentado, no Evangelho de Marcos, sempre em ação. Há um mínimo de discurso e um máximo de ação (Robertson, 2016). Marcos preocupa-se fundamentalmente em relatar a prática de Jesus e não tanto o que ele ensina (Loraschi, 1996). São muitas as passagens em que o evangelista diz que Jesus ensina, mas não explica o conteúdo do seu ensinamento. A prática, porém, ele a descreve com detalhes (Loraschi, 1996), isso porque Marcos procura destacar o que Jesus “fez”, mais do que o que Jesus “disse”. O desejo de Marcos era que seus leitores contemplassem o personagem principal – Jesus – cheio de ação e trabalhando o mais rápido possível. Essa é a razão pela qual ele não organizou seu Evangelho em seções, como fizeram Mateus e Lucas, mas sim em movimentos em que as narrativas aparecem como que numa sucessão proposital de feitos surpreendentes de Jesus. Para Loraschi (1996), isso também revela um dos desafios das comunidades em superar as teorias e elucubrações em torno de Jesus e optar pelo seu seguimento.

Segundo Pohl (2020), as expressões típicas de Marcos – “logo”, “então”, “imediatamente” – aparecem 43 vezes em todo o evangelho. Em Mateus, ela só é usada oito vezes, e, em Lucas e João, somente três vezes cada. No primeiro, somente no primeiro capítulo elas aparecem onze vezes. Da primeira metade do livro até o capítulo 8.26, são 35 casos. Depois, as palavras quase que desaparecem, para reaparecer em duas histórias (Mc 9.15,20,24; Mc 14.43,45). Essas expressões revelam a atitude de obediência de Jesus como servo em ação, sem questionamentos e sem hesitação, mas prestando serviços de forma ativa e diligente. Para os romanos, o maior ou a pessoa mais importante era a que sentava na ponta da mesa. Marcos retrata Jesus exatamente ao contrário, como aquele que veio para servir, na verdade o servo em ação. O título “Senhor” atribuído a Jesus não aparece neste Evangelho, com exceção de em 7.28, com o sentido de tratamento.

É importante ressaltar que existe uma distância significativa entre os acontecimentos (época de Jesus 30 d.C.) e a versão escrita (Período Apostólico, 30 a 70 d.C., e Subapostólico, 70 a 120 d.C.). Isso porque os apóstolos impulsionados pela força do Espírito Santo primeiramente anunciaram oralmente em todas as regiões por onde conseguiam andar ou navegar as “boas novas”. Não se preocuparam em escrever, e sim em praticar tudo o que Jesus lhes havia ensinado (Wenzel, 1997).

O surgimento do texto marcano está relacionado a três fatos históricos e sociais importantes: o desaparecimento das primeiras gerações de discípulos e discípulas de Jesus, as quais eram testemunhas oculares de suas ações e palavras; o acolhimento de gentios pelas comunidades, os quais não conhecem a cultura judaica, sendo motivo de crise e conflito – por isso Marcos traduz várias expressões do aramaico (3.17; 5.41; 7.11, 34; 15.22) e explica alguns costumes judaicos (7.3; 15.22) –; e o judaísmo estar em guerra contra Roma. No texto de Marcos, essa relação é intrínseca ao evento, quer tenha sido antes, durante ou depois da guerra (Soares; Correia Júnior, 2002; Mulholland, 1999).

O Evangelho de Marcos foi escrito em Roma para uma comunidade específica, com o propósito de reanimá-la e revitalizar sua fé em tempos de provação. Tal escrita foi necessária porque, possivelmente, o grupo atravessava tempos de perseguição e estava amedrontado e confuso diante da própria tribulação, e, ainda, experimentavam a tentação de um cristianismo sem cruz. Essa comunidade procurava seguir a Jesus (o Crucificado), porém não havia entendido que estava associada ao mesmo destino do seu Senhor. Talvez seja por isso que o evangelista insiste na necessidade da paixão (cf. Mc 8,31-33; 9,30-32; 10,32-34), na persistente incompreensão dos discípulos (cf. Mc 4,13; 6,52; 9,32), aparentemente imunes às reiteradas explicações que recebem de Jesus “em particular” (cf. Mc 4,34; 9,29) (Martínez, 2014). Assim, não obstante ser escrito no intuito de reavivar nos cristãos a memória de Jesus nas diversas comunidades espalhadas por Roma e região, também buscava conseguir responder à questão: como ser discípulo(a) de Jesus em meio às situações complicadas que viviam no momento?

Os textos em Marcos são escritos em grego, porém a forma de pensamento em semita. É como se ele estivesse escrevendo em espanhol, mas a elaboração dos seus pensamentos fosse em português e buscasse constantemente as palavras para traduzi-los (Wenzel, 1997). Esse comportamento é verificado pela sua

familiaridade e conhecimento claro dos costumes judaizantes (Mc 7,3-5; 14,12; 15,42), que conserva os vocábulos aramaicos, sobretudo os utilizados por Jesus em momentos mais solenes: *talitha kum* (Mc 5,41), *epheta* (Mc 7,34), *abba* (Mc 14,36; 3,17; 15,34). Outro fato é a utilização de frases semitizantes, como: *anastas apelthen* (Mc 7,24), *anastas erchetai* (Mc 10,1), além de expressões típicas do ambiente semítico original, como, por exemplo: *corban* (Mc 7,11), Bartimeu ou filho de Timeu (Mc 10,46), *abba* (Mc 14,36) e *Eloi, Eloi, lama sabactani* (Mc 15,34) (Robertson, 1998 *apud* do Amaral, 2011).

Para muitos exegetas, sob o ponto de vista literário, o Evangelho de Marcos é fraco e de estilo simples, principalmente, porque é escrito em um estilo inculto, rudimentar e popular (do Amaral, 2011; Martínez, 2014). A utilização de linguagem grega pobre e seu estilo pouco rebuscado afirma isto, além da brevidade e a aparente incompletude do texto em comparação aos outros evangelhos sinóticos, como Lucas, com um estilo mais eloquente e Mateus, mais extenso e didático. O próprio Agostinho de Hipona chegou a considerá-lo um compêndio de Mateus (Martínez, 2014).

Em relação à forma de escrever, duas características são preponderantes: linguagem narrativa simples com detalhamento das pessoas e dos acontecimentos; e o diálogo ágil e incisivo que especifica as atitudes e reações dos interlocutores diante das propostas de Jesus. Pode-se afirmar que ele assim narrava porque sua finalidade era criar uma narrativa de Jesus Cristo e dos que se encontraram com Ele, tanto os que o aceitaram e o seguiram, quanto dos que o ignoraram ou rejeitaram a ponto de condená-lo à morte. Ao mesmo tempo, tal estilo estimularia os leitores cristãos da segunda geração a um seguimento mais coerente (Wenzel, 1997).

Quando mencionamos interlocutores, é necessário identificá-los mesmo que seja de forma generalizada. São estes: os discípulos, os demônios, os grupos políticos (saduceus, anciãos, escribas, fariseus e herodianos), o povo, os enfermos e os leitores. Jesus é sujeito principal da conversa, sendo o que chama, questiona, pergunta, responde com ditos populares, parábolas, discursos e ensinamentos que fazem calar, pensar e tomar posição. Tais ações ocupam mais de um terço da obra: 262 versículos de um total de 678. Isto significa que, para Jesus, é preciso indicar, sugerir e ordenar gestos e atitudes (Wenzel, 1997).

Por fim, o Evangelho de Marcos é elaborado em função das questões sobre a identidade de Jesus e organizado seguindo o esquema literário do “segredo messiânico” (Gomes, 2018). Segundo Martinez (2014) e uma grande parte de estudiosos, o Evangelho possui dois temas principais: a identidade de Jesus e o discipulado. É também dividido em duas grandes partes, tendo como eixo a passagem Mc 8.29, em que a primeira responde às perguntas “Quem é este?” e “Que reino é esse que Ele anuncia?”; e a segunda nos mostra que Ele é o messias diferente do esperado pelas “expectativas messiânicas” existentes daquele período (Gomes, 2012).

Na perspectiva do artifício literário “segredo messiânico”, os relatos de milagres e exorcismo (com suas enigmáticas ordens de silêncio); as parábolas (o sentido a princípio permanece oculto) e a própria estrutura do Evangelho, contribuem para a interpretação idealizada por Marcos. Marcos organiza o texto mediante duas inclusões, sugeridas já no começo do evangelho (cf. Mc 1.1), que são delimitadas através da confissão de fé petrina (cf. Mc 8.29) e da proclamação do centurião romano (cf. Mc 15.39). Dessa forma, o evangelista anuncia Jesus como o messias inesperado, não sendo de fato um “messias bem-sucedido”, porém o Servo Sofredor. Diante do caráter inesperado da identidade e da missão de Jesus, o anúncio não foi feito subitamente, mas de modo paulatino. Assim, Marcos configura a proposta fundamental do seu Evangelho, “o seguimento de Jesus no caminho”, isto é, o discipulado (Martínez, 2014).

O discipulado no Evangelho de Marcos

Marcos está profundamente interessado em disseminar o evangelho a todas as nações, pois seu Evangelho tem um apelo universal. Ao apresentar a mensagem de Jesus Cristo em profundidade, ele o faz a fim de preparar os cristãos para viverem e a proclamarem as Boas Novas. Isso condiz com sua ênfase no discipulado, pois o método utilizado consiste em desdobrar a mensagem de Jesus de forma clara e profunda, para então,

exortar a todos os discípulos a cumprir a missão iniciada por Ele, que consiste em levar as Boas Novas a judeus e gentios da mesma forma (Mulholland, 1999).

Marcos reuniu muitos episódios da vida e do ministério de Jesus, formando uma narrativa unificada e coesa. O tema central de seu evangelho é Jesus Cristo, e o secundário o discipulado. Este é inseparável do tema dominante — Jesus —, pois, por meio da singular identidade de Jesus, Deus chama homens e mulheres a um discipulado radical. Existem outros temas presentes e são claramente detectáveis. Entre eles está o “reino de Deus”, uma realidade presente entre os homens, porém ainda não consumada (Mulholland, 1999).

Para Aldana & Orlando (2005), o evangelista Marcos não se interessa apenas pela apresentação da vida de Jesus, mas, sobretudo, por sua própria identidade. Este tema é apresentado desde o começo (Mc 1.1) e desenvolvido ao longo do evangelho. Isso é evidente na primeira parte do evangelho, que busca responder à pergunta: Quem é Jesus (Mc 1,1-8,26) e na segunda parte, quando apresenta que tipo de Messias ele é (Mc 8,31-16,8). A união dessas duas partes acontece no texto da confissão de fé de Pedro (Mc 8,27-30) (Artuso; Rosim; Trevisan, 2022), pois há uma preocupação em mostrar à comunidade quem é Jesus. Os próprios discípulos possuem dificuldades em compreender a identidade de Jesus. Ao lado deste tema, surge o segundo tema que é o discipulado. Ele é apresentado pela forma como Jesus chamou seus primeiros discípulos (Mc 1.16-20; 2.13-14), formou seu grupo de doze discípulos mais próximos (Mc 3.13-19), como os enviou a pregar (Mc 6.7-13) e proporcionou uma comunhão de vida entre eles ao longo de todo evangelho (Aldana; Orlando, 2005).

Para Guijarro (2015), o “discipulado” e “o caminho” são dois dos temas fundamentais no Evangelho de Marcos e ambos estão unidos, pois ser discípulo é fazer “o caminho” que Jesus fez e este caminho é o ambiente ou o processo em que acontece o discipulado. O autor defende que a intenção do evangelista é apresentar uma visão sobre o discipulado, porém a dificuldade está em perceber qual: para uns, ele tem como objetivo apresentar uma forma não adequada de seguir Jesus; para outros, ele tem a intenção pastoral de evidenciar os obstáculos que se devem evitar.

Segundo Loraschi (1996), o lugar social onde acontece o discipulado é a periferia (Galileia), a partir do qual Jesus realiza sua missão e instaura o Reino de Deus. Os “sujeitos sociais” de seu discipulado são pessoas das mais variadas origens (pescadores, publicanos, mulheres e outros), normalmente pobres e oprimidos, sendo eles os construtores do Reino. Ou seja, a constituição do discipulado se faz fundamentalmente a partir de pessoas e grupos marginais em relação à lógica do sistema do puro e impuro. O “tempo e o espaço” da construção deste Reino são os mesmos do cotidiano da vida das pessoas comuns: casa, sinagoga, aldeia, praça pública, barca, praia, montanha, deserto e outros.

O Evangelho de Marcos apresenta uma estrutura geográfico-teológica: da Galileia para Jerusalém e de Jerusalém para a Galileia. A primeira estrutura, a geográfica, é encontrada em Mc 1,16–8,21. A segunda, a teológica, se dá com o fato de Jesus ir de Jerusalém à Galileia (Mc 16,8). Para Marcos, as regiões Galileia e Judeia não indicam apenas zonas geográficas, mas exprimem um valor teológico. A Galileia, desprezada e pagã, é o lugar onde se manifesta a salvação que vem de Deus. Em contrapartida, Jerusalém, epicentro da religião judaica, revela-se inóspita para Deus e seu ungido, e torna-se lugar de extrema hostilidade, que gera a morte. A salvação, a partir da ressurreição do Messias, manifesta-se na “Galileia dos gentios” e não mais no centro cúltico de Jerusalém. É na Galileia que os discípulos são chamados a seguir o Messias Ressuscitado (Mc 16,7) (Harrington, 1997 *apud* do Amaral, 2011). Assim, o discipulado acontece, também, dentro de uma estrutura geográfica-teológica.

Como analisarmos o discipulado em Marcos? Para Gomes (2012), o discipulado em Marcos deve ser analisado por meio dos elementos que caracterizam um discípulo em seu evangelho: vocação, formação e missão. A partir desta perspectiva, existe um chamado por parte de Jesus, relatado na vocação dos primeiros discípulos (Mc 1.16-20; 2.13-17). Após o chamado, inicia-se o seguimento que constitui a parte mais ampla na formação dos discípulos no caminho percorrido com Jesus. Assim, todos os atos e palavras de Jesus, sejam

endereçados aos discípulos ou a outras pessoas, são ensinamentos e fazem parte da formação dos chamados. A missão, de forma sucinta, consiste em fazer o que o mestre fez e ensinou em conformidade com a vida e ao espírito do mestre.

Para Artuso, Rosim e Trevisan (2022), ao analisarmos o Evangelho de Marcos através da ótica da relação entre mestre e discípulos, perceber-se-á que Jesus relaciona-se com familiaridade, pois chama os discípulos para estarem na sua companhia para primeiramente formá-los e depois enviá-los à missão (Mc 3,13-14), por isso, muitas vezes, aprofunda o ensinamento à parte, afastado da multidão (Mc 4,10; 6,54; 7,17; 9,11-12). Ensina com liberdade, pois, em algumas situações, toma iniciativa de corrigir e avaliar a parte (Mc 8,26-27).

Para Bento (2006), o cenário da vocação dos primeiros discípulos, em especial a pesca milagrosa, apresenta os três elementos que caracterizam o discípulo em Marcos. Jesus, ao chamá-los para segui-lo, mostra que o destino destes homens, de agora para o futuro, estará intimamente ligado ao Dele. Ao apresentar-lhes de forma simbólica o propósito de segui-lo: “Eu vos tornarei pescadores de homens” (Mc 1.17), Jesus indica a missão futura a qual seria confiada a estes homens.

O caminho de discipulado, portanto, acontece ao longo de todo o evangelho e não em um momento pontual, ainda que o primeiro chamado configure o momento ápice da caminhada vocacional. O abandono das redes, da família, de projetos e sonhos expressam a disposição dos convocados ao assumir uma nova missão.

O discípulo no Evangelho de Marcos

A palavra discípulo, na teologia bíblica, é um termo usado tanto na cultura hebraica quanto no contexto da cultura grega, e implica em definir uma pessoa que se encontra no estado de aprendiz e está vivenciando um processo de aprendizado com seu mestre (Sousa, 2016).

Na Galileia do tempo de Jesus, os meninos em Israel iniciavam aos 6 anos seus estudos da Torá (Pentateuco – Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio). Aos 10, quando completavam o primeiro estágio, a escola primária, chamada *Beit Sefer*, já tinham a Torá decorada. Alguns deste voltavam para casa e aprendiam o ofício da família, porém os que se destacavam continuavam num segundo estágio, *Beit Talmud*, e mergulhavam no restante das Escrituras e na tradição oral dos rabinos e suas muitas interpretações e aplicações da Torá. Aos 12 anos, já tinham decorado todas as Escrituras: os livros históricos, os livros poéticos, os livros de sabedoria e todos os livros proféticos. Aos 14 e 15 anos, estudando aos pés de um rabino famoso e respeitado, debatiam a tradição oral, isto é, a interpretação dos rabinos a respeito da lei. Dedicavam a vida à discussão de como colocar em prática a Lei de Moisés. Esses pouquíssimos meninos da elite intelectual de Israel eram chamados *talmidim* (do hebraico: *talmid*, discípulo; *talmidim*, discípulos). A palavra hebraica *talmidim*, tanto no antigo quanto no novo testamento, é traduzida para “discípulo” e indicava as pessoas que seguiam algum rabino específico e sua escola de pensamento (Kivitz, 2012).

No Novo Testamento, existem vários termos que são usados para o substantivo discípulo. Um deles é *akolouthēō*, que significa “seguir”, usado para conotar o relacionamento mestre-aluno. Jesus frequentemente o utilizava como um imperativo (Mc 2.14), e a resposta positiva ao chamado indicava o início do discipulado com novas diretrizes para sua vida (Colin, 2000). No Novo Testamento, o termo aparece 264 vezes e, a maior parte dessas ocorrências, está nos evangelhos e nos Atos. Outro termo é *opiso* que traduz a ideia de “ir atrás de alguém ou seguir atrás”, o que significa participar da comunhão da vida e sofrimentos de Cristo (Mt 10.38; Lc 23.26) (Sousa, 2016).

A palavra discípulo, em grego *mathetes*, aparece explicitamente no Evangelho de Marcos 46 vezes, e ocasionalmente é substituída pelo pronome pessoal da terceira pessoa do plural (eles). Este vocábulo, em Marcos, é utilizado para identificar os discípulos que seguiam Jesus e também os discípulos de João (Mc 2.18; 6.29) e dos fariseus (Moore, 1990; Loraschi, 1996). Na maioria das vezes, a palavra “discípulo” aparece no plural, indicando que um discípulo só o é verdadeiramente se estiver integrado numa comunidade, em comunhão com

outros e com o próprio Cristo (Cunha, 2017). No caso dos que seguiam Jesus: são pessoas que “mudam de vida e creem no Evangelho” (Mc 1.15), saem do mar “deixam as redes e o seguem” (Mc 1.18), “levantam-se e se põem a servir” (Mc 1.31; 2.13-14) e “quem faz a vontade de Deus” (Mc 3.35) (Soares; Correia Júnior, 2002).

A ideia principal deste vocábulo teve origem na Grécia, quando um escolar (aluno) se unia a um professor com o intuito de adquirir conhecimento teórico e prático, havendo total devoção ao professor no discipulado (Colin, 2000). Nos evangelhos, o discípulo é a aquele que está vivenciando um relacionamento comprometido e pessoal com seu mestre, podendo estar inserido em um pequeno grupo de discípulos que seguem Jesus, às vezes tão pequeno que poderiam caber todos dentro de um barco (Mc 6.45-52) ou reunir-se em uma casa (Mc 7.17; 9.28) (Aldana; Orlando, 2005).

O discípulo, em Marcos, é apresentado como um espelho do mestre: ao olhar o discípulo, eu preciso enxergar o mestre. O discípulo é um negativo da foto do verdadeiro discípulo revelado em Jesus Cristo. Assim, somente compreendemos o que é ser discípulo e obtemos uma visão ampla e completa do discipulado em Marcos, se olharmos para a figura de Jesus como modelo de um verdadeiro discípulo, o qual está imprimindo a essência do discipulado naqueles que o seguem (Gomes, 2012).

Marcos, em comparação com os outros evangelhos, mostra, com lente de aumento, a relação de Jesus com os discípulos. A vocação dos discípulos é inserida logo no começo, como primeiro ato da atuação pública de Jesus (Mc 1.16-20). A partir deste momento, eles estão quase sempre presentes. Marcos não fala “dos discípulos”, como Mateus e Lucas o fazem, mas “dos seus discípulos”. É assim até o penúltimo versículo (Mc 16.7). Marcos destaca duas vezes a expressão “ele com os doze” (Mc 11.11; 14.17), cinco vezes “ele e seus discípulos” e “ele com os seus discípulos” (Mc 2.15; 3.7; 8.10,27; 14.14). Marcos, no âmbito do grupo maior de discípulos, concentra a atenção nos “doze” – onze vezes em seus escritos contra oito em Mateus e sete em Lucas. Esse é o quadro que Marcos quer que seus leitores guardem na lembrança: “Jesus e seus discípulos” (Pohl, 2020). Para Loraschi (1996), os discípulos e discípulas, em sua maioria, são provenientes de grupos marginalizados que aderem e acompanham a vida e a caminhada de seu Mestre Jesus. É uma caminhada-processo em que, pouco a pouco, vão descobrindo o verdadeiro rosto de Jesus. Da Galileia a Jerusalém, os discípulos(as) vão se despojando da visão triunfalista que possuíam do Messias e vão se convertendo ao modo de ser e de agir do Filho de Deus.

O evangelista Marcos retrata o discípulo fundamentalmente como aquele que aceita o chamado “Segue-me” (Mc 1.17-18) e segue Jesus no “caminho” e deixa-se ser conduzido por Ele, “após mim” (Mc 8.24) até Jerusalém, onde aguarda a cruz, que é não somente o destino do Senhor, mas também o do discípulo (Martínez & Carmo, 2015). Assim, a vida discipular em Marcos tem a sua origem neste chamamento, porque ser discípulo é precisamente responder ao convite inicial de Jesus com gestos e atitudes concretas no cotidiano. É fixar-se no Mestre, no caminho, como uma adesão pessoal a Cristo e ao seu modo de vida (Cunha, 2017). O “caminho” é o itinerário existencial onde acontece o discipulado. É o espaço teológico no convívio cotidiano com Jesus, que conduz o discípulo a respostas basilares a respeito da identidade messiânica de Jesus (Mc 8.29, 15, 39) e, simultaneamente, a descoberta de seus medos, incompreensões, fragilidades, contradições e resistências diante de uma proposta que o questiona e desinstala (cf. Mc 8,32-33; 9,33-34; 10,35-40). (Bombonato, 2001).

A identidade do discípulo em Marcos é caracteriza por três elementos basilares: vocação, seguimento e missão (Gomes, 2012). Isso porque há um chamado, por parte de Jesus, que corresponde à vocação, no qual se estabelece sempre uma estreita comunicação entre quem chama e quem aceita. Os relatos da vocação dos primeiros discípulos (Mc 1.16-20; 2.14), o episódio do jovem rico (Mc 10.17-22) e outras narrativas, como a do cego Bartimeu após sua cura (Mc 10.46-52) ou a do endemoniado de Gerasa (Mc 5.18), são exemplos disso. Depois de dar a primeira resposta afirmativa de aceitação, acontece um caminho de evolução e o aprofundamento da vocação e da resposta. É o seguimento que, na perspectiva do chamado, é a formação das Comunidades de discípulos (não apenas os Doze, mas os outros 72 – Lc 10,1) e de todos os discípulos que assumem, em seu tempo e lugar, o chamado. No seguimento, eles são instruídos a desempenhar seu papel de

discípulo e a cumprir sua missão, a qual corresponde em comunicar a experiência de vida com Jesus aos outros, com gestos e atitudes concretas no cotidiano (Bombonato, 2012).

A vocação: etimologia e fundamentos bíblico-teológicos

A palavra vocação deriva do verbo latino *vocare*, que significa “chamar”. A tradução do termo *vocatione* quer dizer “chamado”, “chamada”, “convite” ou “apelo”. Por detrás destes termos está a raiz *vox*, *vocis*, que significam “voz”. Assim, vocação é um chamamento ou ato de chamar que precede aquele que será chamado. A simples inclinação ou aptidão são secundários, sendo uma resposta à proposta recebida (Oliveira, 2000). Os dicionários Ferreira (2010) e Houaiss (2009) primeiramente definem vocação como ato de chamar, escolha, predestinação e secundariamente como tendência, disposição, pendor, talento e aptidão. Com isto, reduzir vocação à simples aptidão seria esvaziar seu sentido primordial, porque ninguém seria levado a fazer alguma coisa, a gostar de algo, se não fosse ao mesmo tempo atraído pela força misteriosa do chamamento.

Do ponto de vista teológico, “vocação” é o chamado de Deus dirigido a toda pessoa humana, seja em particular ou em grupo. Não é algo criado pelo ser humano, mas sim iniciativa de Deus em chamar, e cabe ao ser humano apenas responder a esse chamado (Araújo, 2007). Não compete ao homem começar o diálogo, mas aceitar o convite, o apelo divino (Jo 15.16). A iniciativa de Deus, no entanto, não elimina nem substitui a resposta do homem, jamais anula a participação e a responsabilidade da pessoa chamada. Novamente, não podemos reduzir a vocação à simples inclinação, aptidão ou confundi-la a sinais externos. É, antes de tudo, algo divino que expressa a vontade de Deus (Oliveira, 2000).

Deus toma a iniciativa de chamar o ser humano dialogando e convidando-o ao serviço, à doação e à entrega. Nesse sentido, também é necessário inserir o fator antropológico, porque, mesmo sendo a iniciativa vinda de Deus, a participação humana não é dispensada. A vocação somente se completa quando há resposta e continuidade à proposta de Deus. Aptidões e talentos, neste dinamismo, são dons e bens confiados aos chamados, de acordo com a capacidade de cada um, com o propósito de serem multiplicadores (Mt 25.14-30). Assim, a vocação é ao mesmo tempo um ato de “liberdade” e prontidão ao “serviço”, pois aquele que chama permite espaço para o chamado aceitar ou rejeitar o plano divino. Aquele que aceita, deve estar pronto a renunciar tendências contra os valores, desejos, inclinações e gostos pessoais para dar uma resposta coerente e eficaz ao chamado de Deus (Oliveira, 2000).

Na Teologia Bíblica da Vocação, existem duas naturezas diferentes de vocação. A primeira corresponde à vocação geral, na qual todos são chamados à Salvação em Cristo Jesus, e, respondido este chamado, são convocados a dar testemunho de Cristo, onde estiver e para onde for. A exemplo, temos no Antigo Testamento as passagens: Êx 19.5-6; Is 43.1-10, nas quais o povo judeu tinha uma aliança com Deus e a incumbência de testemunhar o Deus vivo e verdadeiro a todas as demais nações que os circundavam. No Novo Testamento, identificamos a vocação geral da igreja nas passagens: Sal e Luz (Mt 5.13-14; Geração eleita (1 Pe 2.9); Santa Vocação (2 Tm 1.9). Por esta vocação, não somente a igreja com todo, mas cada cristão está devidamente convocado a testemunhar Jesus Cristo e servi-lo segundo os seus dons, onde estiver e para onde for (Mattos, 2016). A segunda corresponde à vocação específica, a qual Deus chama cristãos no tempo e no espaço para projetos e ações específicas. Como exemplos, no Antigo Testamento, temos: Abraão (Gn 12.1-2); Moisés (Êx 2.10-12); Josué (Js 1.1-2; 5-6); Gideão (Jz 6.11-16); Samuel (I Sm 16.12-13); Isaías (Ir 1.5-7); Daniel, Hananias, Misael e Azarias (Dn 1.3-4; 6-7) e Amós (Am 7.14-15). No Novo Testamento, encontramos: Pedro, André, Tiago e João (Mc 1.16-20; Mt 4.18-22); Levi (Mc 2.14); Os doze (Mc 3.13-19); Paulo e Barnabé (At 13.1-3) e Timóteo (I Tm 4.14) (Mattos, 2016).

No Evangelho de Marcos, segundo Bombonato (2012), a vocação como chamado ou convite imediato e urgente acontece de forma explícita em todo o espectro da narrativa marcana, sobretudo em três momentos

distintos: a ruptura absoluta dos primeiros discípulos (Mc 1.16-18; 1.19-20; 2.13-14); os imperativos e exigências da dinâmica do caminho (Mc 8.34) e o recomeçar após a ressurreição (Mc 16.7).

No início da vida pública de Jesus na região da Galileia, um grupo de pescadores (Mc 1.16-18; 1.19-20) e um cobrador de impostos (Mc 2.13-14) são chamados para segui-lo e acontece uma ruptura radical e absoluta, interrompendo a vida destes e seus ofícios habituais, pois aceitar o chamado de Jesus requer uma reorganização fundamental das relações socioeconômicas.

Após a confissão de Pedro em Cesareia de Filipe (Mc 8.27-30), que constitui o centro do evangelho de Marcos, é respondida, por um discípulo, à pergunta a respeito de quem é Jesus, algo que até então somente aos espíritos imundos haviam revelado esta resposta (Mc 3.11). Jesus, dirigindo-se à multidão, faz um convite público e universal ao seguimento (Mc 8.34a), envolvendo três imperativos: nega-te a ti mesmo, toma a tua cruz e segue-me, os quais exigem: fé, conversão radical e confiança total do mestre. Assim, interpreta-se que a partir deste chamado dirigido à multidão, inicia-se o “caminho” para os quais decidiram continuar o seguindo.

Após a ressurreição de Jesus, os discípulos são exortados a retornarem à Galileia (Mc 16.7), onde tudo começou. É um chamado não mais para seguir fisicamente Jesus pelas estradas da Palestina, e sim para retomar o caminho e dar continuidade à sua prática.

A vocação dos discípulos no Evangelho de Marcos

No Evangelho de Marcos, a vocação é um dos elementos que caracteriza o discípulo, isso porque existe um chamado por parte de Jesus nos relatos da vocação dos primeiros discípulos. No âmbito da vocação como chamado ao discipulado, estabelece-se uma estreita comunicação entre quem chama e quem aceita. Depois do discípulo dar a primeira resposta afirmativa, de aceitação, acontece um caminho de evolução, maturidade e aprofundamento de sua resposta. Isso corre porque todo vocacionado tem um tempo de convivência e experiência com o Mestre, que ajudará a discernir sua resposta, a quem está seguindo e qual o propósito de segui-lo. Pedro exemplifica este período ao responder de forma assertiva em nome dos demais discípulos quem era Jesus (Mc 8.27-30) (Mazzarolo, 2003).

Para Lozada (2007), a vocação é um dos elementos fundamentais que constitui a identidade do discípulo em Marcos. O evangelista apresenta a vida dos discípulos de forma transversal, como realização permanente da convocação feita por Jesus para o acompanhamento e a missão. A dimensão vocacional ocupa todo o espectro da narrativa evangélica, desde as primeiras chamadas aos quatro pescadores juntos para o lago (Mc 1,16-20) e para Levi (2,14), passando pela constituição do grupo de Doze na montanha (Mc 3:13-19), o chamado para seguir Jesus no caminho para Jerusalém (Mc 8,34ss), a chamada do homem rico (Mc 10,17-31) e do mendigo, o cego Bartimeu (Mc 10, 46-52) até concluir com uma nova convocação aos discípulos após falharem (Mc 16,7). Este horizonte vocacional torna-se cada vez mais indispensável aos cristãos hoje, pois fortalece sua pessoa e sua pertença à comunidade de filhos do mesmo pai.

As narrativas bíblicas a respeito da vocação dos discípulos em Marcos

Simão e André (1.16-18), Tiago e João (1.19-20) e Levi (2.14)

As histórias de vocação dos primeiros discípulos em Marcos possuem a mesma estrutura (Quadro 1). Marcos não pretende propor um momento de biografia de um discípulo específico, mas a vocação de qualquer discípulo (Higueras, 2011). Vejamos a estrutura abaixo:

1. Situação da cena: lugar; não há alusão ao tempo.
2. Primeira ação de Jesus, protagonista da cena.

3. Descrição do personagem: nome, atividade profissional, família.
4. Chamado de Jesus (às vezes implica promessa).
5. Resposta à chamada que se manifesta em: “uma ruptura” com a vida anterior (profissão e / ou família) e “um começo” de uma nova vida em seguir Jesus.

Quadro 1 – Estrutura da narrativa bíblica da vocação dos primeiros discípulos

Estrutura da narrativa bíblica da vocação dos primeiros discípulos			
Sequência	Mc 1.16-18 (ACF)	Mc 1.19-20 (ACF)	Mc 2.13-14 (ACF)
1	E, andando junto do mar da Galiléia	Pouco mais adiante,	De novo, saiu Jesus para junto do mar, e toda a multidão vinha ao seu encontro, e ele os ensinava.
2	Viu	viu	Quando ia passando, viu.
3	Simão, e André, seu irmão, que lançavam a rede ao mar, pois eram pescadores.	Tiago, filho de Zebedeu, e João, seu irmão, que estavam no barco consertando as redes	a Levi, filho de Alfeu, sentado na coletoria
4	E Jesus lhes disse: Vinde após mim, e eu farei que sejais pescadores de homens	E logo os chamou.	e disse-lhe: Segue-me!
5 a	E, deixando logo as suas redes,	Deixando eles no barco a seu pai Zebedeu com os empregados,	Ele se levantou
5 b	o seguiram.	seguiram após Jesus.	e o seguiu

Fonte: Adaptado de Higuera (2011).

Para Lozada (2007), Marcos é claramente um evangelho vocacional, do início ao fim, porque apresenta a vida do discípulo de forma transversal, como realização permanente da convocação feita por Jesus para o seguimento e a missão. Para o pesquisador, as perícopes que narram a vocação dos primeiros discípulos são compostas por duas narrativas paralelas equilibradas com cinco fases descritas abaixo (Quadro 2). Este mesmo esquema vocacional também acontece em 1 Reis 19.19-21, quando Elias chama Eliseu.

1. Presença e movimento do chamador
2. Chamado dos discípulos.
3. Proposta.
4. Renúncia de família e propriedade.
5. Rastreamento com alta disponibilidade.

Quadro 2 – Estrutura da narrativa bíblica da vocação dos primeiros discípulos

Estrutura da narrativa bíblica da vocação dos primeiros discípulos			
Sequência	Mc 1.16-18 (ARA)	Mc 1.19-20 (ARA)	Mc 2.13-14 (ARA)
1	Caminhando junto ao mar da Galileia, viu os irmãos Simão e André, que lançavam a rede ao mar, porque eram pescadores.	E, passando dali um pouco mais adiante, viu Tiago, filho de Zebedeu, e João, seu irmão, que estavam no barco consertando as redes,	De novo, saiu Jesus para junto do mar, e toda a multidão vinha ao seu encontro, e ele os ensinava. Quando ia passando , viu a Levi, filho de Alfeu, sentado na coletoria
2	Disse-lhes Jesus: Vinde após mim,	E logo os chamou.	e disse-lhe: Segue-me!
3	e eu vos farei pescadores de homens.		
4	Então, eles deixaram imediatamente as redes.	E eles, deixando o seu pai Zebedeu no barco com os empregados,	Ele se levantou
5	e o seguiram.	foram após ele.	e o seguiu.

Fonte: Adaptado de Lozada (2007).

As perícopes Mc 1.16-20 e 2.13-17 descrevem a vocação dos primeiros discípulos na região da Galileia. Estas são precedidas pela prisão de João Batista, o início do ministério de Jesus na Galileia e seguidas pela cura do endemoniado em Cafarnaum. Após, sintetiza as atividades missionárias de Jesus, que anuncia a chegada do momento escatológico e convoca todas as pessoas à mudança de vida. Marcos nos apresenta o grupo dos primeiros discípulos (Mc 1.16-20) como modelo de resposta pronta ao apelo, dando o início histórico e teológico do seguimento de Jesus (Soares; Correia Júnior, 2002), pois a vocação é baseada em uma comissão: Vem atrás de mim e eu te farei pescadores de homens (Mc 1.17) (Higueras, 2011).

O relato sucinto do chamado dos quatro pescadores enfatiza a autoridade marcante de Jesus e as exigências radicais de seu reino. As palavras de Jesus aos pescadores contêm um imperativo “Siga-me” e uma promessa “E eu os farei pescadores de homens”. Sua autoridade, expressa nessa ordem, não elimina a vontade de homens e mulheres, mas os confronta com uma decisão. Ele assume a responsabilidade de fazer deles o que é o seu propósito “Eu os farei” é algo condicional (Mulholland, 1999). Para Lozada (2007), essa perícopes também indica a missão para a qual são chamados e, ao mesmo tempo, enfatiza sua força para torná-los pescadores capazes de alcançar seres humanos com suas redes, uma tarefa muito mais difícil do que simplesmente pescar no mar. A vocação, nesse aspecto, acontece no presente, na vida concreta e projeta-os para o futuro, libertando-os das amarras do passado (Correia, 2005). Além disto, seus primeiros discípulos são homens que trabalham e possuem profissão, demonstrando que o discipulado começa a partir do exercício da própria profissão e em lugar concreto (Aldana; Orlando, 2005).

É interessante observar que Marcos, ao caracterizar estes pescadores enfatizando suas profissões e sociedade em um sentido simbólico, também apresenta seus parentescos familiares, porque temos dois vínculos básicos da existência humana: um com a família, vínculo de sangue pelo qual nos ligamos ao mundo; outro com a profissão, o vínculo de trabalho que nos insere no processo produtivo e, conseqüentemente, no âmbito das relações sociais. Pela família e pelo trabalho, os discípulos estão presos ao mar. Este não é apenas um lugar geográfico onde Jesus se encontra com os futuros discípulos, é o lugar da vocação (cf. Mc 2.13- 14), o lugar de

ensinamento ao povo (cf. Mc 2.13), o refúgio de Jesus frente às ameaças dos fariseus (cf. Mc 3.7) e a defesa face às expectativas da multidão que o ameaça (cf. Mc 3.9; 4.1) (Soares; Correia Júnior, 2002).

No atual contexto sociocultural, é normal os jovens, ao chegarem a uma determinada idade, deixarem sua família para trabalhar em outros lugares ou simplesmente para constituir nova família. Porém, no contexto da cultura de Jesus, a família ocupava o primeiro lugar na escala de valores antropológicos. Deixar a família era não somente separar-se dos laços de sangue, mas também privar-se de seu meio de subsistência. Um núcleo familiar era composto de um chefe denominado *pater famílias*. Quando os filhos casavam, construíam suas casas ao lado da do pai e dos outros irmãos. Assim, compartilhavam os bens básicos, como o forno, e não tinham necessidade de adquirir bens exclusivamente particulares como nós. Dessa forma, era quase impossível uma pessoa subsistir por si mesma fora do núcleo familiar. O chamado de Jesus aos discípulos nestas condições era totalmente anticultural, quebrando com os padrões da época (Aldana; Orlando, 2005). Para Correia (2005), a vocação exige esta ruptura dos laços laborais e familiares. Se estes são amarras que prendem, o chamamento é o convite que liberta e o seguimento a concretização da libertação operada.

Pela família e pelo trabalho, os discípulos estão ligados ao mar. Os dois vínculos, por serem fundamentais, tornam-se símbolo de todos os demais vínculos. É preciso redefinir a vida toda. Não se trata apenas de deixar alguma coisa. Os discípulos continuaram com Jesus, a sobreviver sobretudo da pesca, pois sua vida girava em redor do lago. E continuaram ligados a suas famílias (cf. 1.29, 1 Co 9.5). É preciso “deixar tudo” (cf. 10.28), isto é, redefinir totalmente a vida, operar uma ruptura radical com o modo de convivência social anterior, romper com o sistema, abandonar o passado e partir adiante. A vocação tem um componente de radicalidade e ousadia irrefletida (deixar tudo), bem como de aventura e abertura ao desconhecido (seguir Jesus). Este é o real significado de sair do mar, porque, para seguir Jesus, é preciso romper com o mar e partir a edificar um novo sistema de convivência social. A ruptura tem de ser pronta e imediata (v.18 e 20) (Soares; Correia Júnior, 2002; Correia, 2005).

É importante fazermos um paralelo do chamado em Marcos com 1º Reis, no qual a sequência e as ações são similares. Na narrativa da vocação de Eliseu (1 Rs 19.19-21), primeiro houve o “encontro” do mestre com o discípulo (nome e profissão), posteriormente o “chamamento”, em seguida, o “abandono” do ambiente de trabalho e familiar, e finalmente o “seguimento”. Em ambas as narrativas, as rupturas foram imediatas e incondicionais (cf. Lc 9.57-62). Marcos, ao informar no versículo 16, que Jesus caminhava junto ao mar da Galileia e viu Simão e André lançando as redes, indica a precedência de Jesus na ação, ou seja, Jesus vê e depois chama. Isso aponta para o fato de a vocação ser sempre iniciativa divina, como exemplo, o profeta Jeremias, escolhido desde o ventre materno (Jr 1.5). O mesmo olhar é ressaltado no chamado de Levi (Mc 2.14). É o olhar da escolha (cf. Mc 10.21; Lc 19.5, 1 Sm 16.1 e Zc 12.4) (Soares; Correia Júnior, 2002).

A vocação de Levi também acontece à beira-mar, similar à dos quatro pescadores. Marcos narra Jesus saindo novamente para o mar da Galileia e, caminhando, vê Levi na alfândega e o chama: “Venha comigo”. Levi era cobrador de impostos e pertencia a uma classe mal-vista e, por isso, seriam muitos os que, passando por ele, não o queriam ver ou eventualmente faziam de conta que o não viam. Mas Jesus viu-o, prestou-lhe atenção e chamou-o: “Segue-me” (v. 14). Novamente o “vê” é o agente acionador do chamado.

O relato é análogo ao dos primeiros discípulos, e, como nos outros, encontra-se à prontidão em seguir Jesus (Mc 2.13-17). A força e a urgência do apelo exigem uma mudança profunda, isto porque o chamamento exige conversão (v. 17): chamar ao arrependimento. Mateus, funcionário do fisco, provavelmente corrupto, torna-se discípulo de Jesus, mudando inteiramente a sua forma de pensar, sentir e viver. Assim, compreendemos que o chamamento é inesperado e desconcertante e não segue a lógica humana, por mais admiração e escândalo que isso provoque (Correia, 2005).

O chamado para seguir Jesus no caminho de Jerusalém (8.34ss)

No relato de Marcos 8,27-38, Jesus inicia sua jornada da Galileia para Jerusalém e, ao longo do percurso, questiona seus discípulos sobre sua identidade: “Quem os homens dizem que eu sou?” (Mc 8,27). Após a confissão de Pedro, Jesus instrui sobre seu destino messiânico, destacando que o Filho do Homem deve sofrer, ser rejeitado, morto e, após três dias, ressuscitar. Diante desse anúncio, Jesus amplia sua convocação não apenas aos discípulos, mas à toda a multidão, declarando: “Se alguém quiser vir após mim, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me” (Mc 8,34). Essa afirmação sintetiza a essência do discipulado cristão, vinculando-o diretamente ao caminho de Jesus e aos elementos que definem a identidade daqueles chamados a segui-lo.

O evangelista Marcos estrutura a narrativa unindo o anúncio do sofrimento do Messias ao chamado para seguir o caminho da cruz. O discipulado, portanto, é apresentado como um processo de associação ao destino de Cristo, no qual paixão, morte e ressurreição não são apenas eventos históricos, mas um itinerário espiritual e redentivo para seus seguidores. O ato de “pegar a cruz”, no contexto de Marcos 8,31-35, implica disponibilidade para o martírio e um compromisso ascético na vida cotidiana. A cruz de Jesus, que mais tarde será carregada por Simão de Cirene (Mc 15,21), torna-se símbolo do testemunho cristão, do sofrimento e do sacrifício exigido daqueles que optam pelo discipulado. Assim, ser um discípulo de Cristo é necessariamente um processo de desconforto que implica reorientação e abandono de valores egocêntricos em favor do cumprimento aos ensinamentos do Mestre.

Na tradição bíblica, os relatos vocacionais geralmente envolvem ruptura com a vida anterior e o início de uma nova caminhada (Lozada, 2007). Assim, esta seção do Evangelho não apenas introduz o destino de sofrimento do Filho do Homem, mas também estabelece os critérios para a identidade do discípulo e a estruturação da comunidade cristã (Azevedo, 2002). Para Mulholland (2014), os discípulos, naquela ocasião, já haviam renunciado parcialmente algumas coisas, tais como a segurança, o conforto do lar e seus empregos, porém o negar a si mesmo vai além de estereótipos, trata-se do controle total de Jesus, inclusive no coração (Mulholland, 2014).

Por fim, a narrativa de Marcos ressalta que a verdadeira realização humana não está nos bens materiais ou nas promessas do mundo, mas na fidelidade absoluta a Cristo. Esse contraste entre valores terrenos e realização espiritual define o discipulado cristão como um chamado radical, no qual a renúncia e a cruz são requisitos inegociáveis para a comunhão com o Mestre.

O chamado aos discípulos para recomeçar após a ressurreição (16.4)

Os mesmos discípulos que um dia Jesus chamou na região da Galileia e que deixaram tudo para o seguirem (1.18.20; 2.14) também são os mesmos que “o deixando tudo fugiram” (14,50). Eles falharam no exercício de seguir Jesus. Porém Jesus chama-os novamente, começando por Pedro (16.7) que o havia negado. Jesus reitera seu chamado aos seus próprios discípulos para recomeçar o caminho do discipulado. Justamente quando tudo parece estar perdido, eis uma vez mais Jesus – O Ressuscitado – a chamá-los ao seguimento.

Marcos descreve tanto o fracasso dos discípulos no momento da morte da cruz quanto a nova possibilidade oferecida pelo Nazareno através da ressurreição. Assim, o chamado do Ressuscitado é mais forte do que o fracasso humano dos discípulos. Para Mascilongo e Landi (2022), a concepção marcana do discipulado nesta narrativa é que o discípulo que fracassou no seguimento, se quiser encontrar-se com o Ressuscitado, deve voltar à Galileia, onde tudo começou e onde Jesus aguarda para reconstituir o rebanho disperso (cf. Mc 14,27).

Para aqueles que já iniciaram o caminho, o retorno à Galileia é como um novo começo, um novo chamado, pois o discípulo nunca está pronto. O discípulo é factível de fracassar, porém deve sempre recomeçar. Por isso, a identificação sempre mais estreita com os discípulos na narrativa em Marcos jamais deve ser nos modelos de discípulos a imitar, mas como espelho do discípulo de todos os tempos (Mascilongo e Landi, 2022).

Considerações finais

O Evangelho de Marcos apresenta o discipulado como um elemento fundamental na compreensão da mensagem de Jesus Cristo. A relação entre mestre e discípulo é desenvolvida ao longo do texto, enfatizando a vocação, o seguimento e a missão como aspectos essenciais da identidade do discípulo.

A estrutura geográfico-teológica de Marcos destaca a importância da Galileia como local de chamada e formação dos seguidores de Cristo, enquanto Jerusalém se torna o cenário da rejeição e morte do Messias. Essa dinâmica reforça a ideia de que o discipulado não se restringe a um espaço sagrado, mas se manifesta no cotidiano da vida das pessoas.

A identidade do discípulo em Marcos é marcada por uma relação de comunhão com Jesus, caracterizada pela disposição de abandonar tudo para segui-lo, aprender de seu ensino e incorporar seu estilo de vida. Esse processo de aprendizado e transformação se desdobra ao longo do “caminho”, onde os discípulos são continuamente desafiados a compreender a verdadeira identidade de Jesus e o significado do Reino de Deus.

A análise do discipulado em Marcos revela que ser discípulo implica em uma adesão radical a Cristo, caracterizada pela renúncia, pelo aprendizado constante e pela participação ativa na missão de proclamar as Boas Novas. Esse chamado não é apenas uma experiência individual, mas comunitária, enfatizando a construção de uma nova comunidade fundamentada nos valores do Reino.

Além disso, Marcos enfatiza a importância da fé para o discipulado autêntico, revelando que o verdadeiro entendimento sobre Jesus só pode ser alcançado através do olhar da fé. A trajetória dos discípulos, marcada por momentos de incompreensão, medo e fraqueza, reflete a jornada do cristão contemporâneo, que também enfrenta desafios em sua caminhada espiritual. A ressurreição do Mestre marca o recomeço para os discípulos e reforça a vocação de cada cristão para continuar a missão de Cristo no mundo.

Por fim, o discipulado, conforme descrito por Marcos, não se restringe a um grupo seletivo, mas se estende a todos aqueles que estão dispostos a seguir Jesus. O convite de Jesus para segui-lo permanece como um desafio para cada geração, instigando-nos a viver de maneira coerente com os princípios do Reino de Deus e a compartilhar sua mensagem com o mundo. Dessa forma, o Evangelho de Marcos nos convida a um discipulado radical, no qual a fé, a entrega e a missão são elementos essenciais para aqueles que desejam seguir verdadeiramente a Jesus.

Referências Bibliográficas

- ALDANA, Hugo Orlando Martínez; ORLANDO, Hugo. *O discipulado no Evangelho de Marcos*. São Paulo: Paulinas, 2005.
- ARTUSO, Vicente; ROSIM, Marco Antonio; TREVISAN, Tiago. O itinerário formativo do discipulado no Evangelho de Marcos. *Revista Fragmentos de Cultura-Revista Interdisciplinar de Ciências Humanas*, v. 32, n. 1, p. 69-82, 2022.
- AZEVEDO, Walmor Oliveira de. *Comunidade e missão no evangelho de Marcos*. São Paulo: Edições Loyola, 2002.
- BOMBONATTO, Vera Ivanise. Seguimento de Jesus. *Revista de Cultura Teológica*, n. 35, p. 105-128, 2001.
- BOMBONATTO, Vera Ivanise. *Seguimento de Jesus: uma abordagem a partir da cristologia de Jon Sobrino*. Editora Paulinas, 2012.
- COLIN, Brown. *Dicionário internacional de teologia do NT*. São Paulo: Vida Nova, 2000.
- CORREIA, João Alberto Sousa. Figuras bíblicas da vocação. *Theologica*, v. 40, n. 2, p. 265-292, 2005.
- CUNHA, Isabel Cristina Abreu. *Caminhos para o discipulado em Mc 14, 32-42*. 2017. 99 f. Dissertação de Mestrado – Curso de Teologia, Universidade Católica Portuguesa, Braga, 2017.
- DICIONÁRIO Houaiss da língua portuguesa. São Paulo: Objetiva, 2009.
- DO AMARAL, Junior Vasconcelos. O Evangelho de Marcos: Teologia para a atualidade. *Interações*, v. 6, n. 9, p. 75-91, 2011.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Míni Aurélio: o dicionário da língua portuguesa*. São Paulo: Positivo, 2010. 960 p.
- GOMES, Rita Maria. Discipulado em Marcos. *Contemplação: Revista Acadêmica de Filosofia e Teologia da Faculdade João Paulo II, Marília*, n. 4, p.1-9, 2012.
- GOMES, Rita Maria. A estratégia narrativa de Marcos na apresentação de Jesus. *PARALELLUS*, Revista de Estudos de Religião - UNICAP, v. 9, n. 20, p. 067-083, 2018.
- GUIJARRO, Santiago. *El camino del discípulo*. Salamanca: Sígueme, 2015.
- HIGUERAS, Mariela Martínez. “... Y sus discipulos le siguen”(Mc 6.1). *Proyección: Teología y mundo actual*, n. 242, p. 353-372, 2011.
- KIVITZ, Ed René. *Talmidim: o passo a passo de Jesus*. São Paulo: Mundo Cristão, 2012.
- LOPES, Hernandes Dias. *MARCOS: O evangelho dos milagres*. São Paulo: Hagnos, 2017.
- LORASCHI, Celso. Jesus e as Comunidades Cristãs - A Formação do Novo Povo de Deus no Evangelho de Marcos. *Encontros Teológicos* (Florianópolis), v. 21, p. 30-37, 1996.
- LOZADA, Leonidas Ortiz. La vocación, la formación y la misión de los discípulos en el Evangelio de Marcos. *Cuestiones Teológicas*, v. 34, n. 81, p. 55-86, 2007.
- MARTÍNEZ, Juan Pablo García. Evangelho de Jesus Cristo, filho de Deus: as linhas mestras do Evangelho de Marcos. *Horizonte Teológico: Educar para a vida plena*, Belo Horizonte, v. 13, n. 26, p.45-59, jul. 2014. Semestral.
- MARTÍNEZ, Juan Pablo García; CARMO, Solange do. Tal mestre, tal discípulo: O discipulado no Evangelho de Marcos. *Fique Firme*, Minas Gerais, p.1-14, 08 set. 2015. Disponível em: <http://fiquefirme.com.br/multimedia-archive/22_tal_mestre_tal_discipulo_discipulado_evangelho_marcos/>. Acesso em: 01 ago. 2024.

- MASCILONGO, Paolo; LANDI, Antonio. *Evangelhos Sinóticos e Atos dos Apóstolos*. Editora Vozes, 2022.
- MATTOS, Rinaldo de. *A Teologia Bíblica da Vocação e Chamada: Reflexão e Prática*. 2016. Disponível em: <http://www.amtb.org.br/a-teologia-biblica-da-vocacao-e-chamada/>. Acesso em: 28agost. 2019.
- MAZZAROLO, Isidoro. Vocação ao discipulado e o sono do Getsêmani: (Mc 3, 13; 14, 32-42). *Revista eclesióstica brasileira*, v. 63, n. 252, p. 829-850, 2003.
- MOORE, Waylon B. *Multiplicando discípulos: o método neotestamentário para o crescimento da igreja*. 3. ed. Rio de Janeiro: Junta de Educação Religiosa e Publicações, 1990.
- MULHOLLAND, Dewey M. *Marcos: introdução e comentário*. Tradução de Maria Judith Prado Menga. São Paulo: Vida Nova, 1999.
- OLIVEIRA, José Lisboa Moreira de. *Teologia da vocação: Temas fundamentais*. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2000.
- POHL, Adolf. *Evangelho de Marcos: comentário esperança*. Editora Esperança, 2020.
- ROBERTSON, A. T. *Comentário Mateus & Marcos*. Rio de Janeiro: CPAD, 2016.
- SOARES, Sebastião Armando Gameleira; CORREIA JÚNIOR, João Luiz. *O evangelho de Marcos: Refazer a casa* (Capítulos 1-8). Petrópolis: Vozes, 2002. (Vol.1).
- SOUSA, Jhonathan James de. *O discipulado numa perspectiva bíblica, teológica e pastoral*. 2016. 85 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Teologia, Faculdade Est, São Leopoldo, 2016.
- TERHORST, Marlene Ana. *O Discipulado no Evangelho de Marcos: contribuições para o processo formativo das irmãs franciscanas da penitência e caridade cristã - província do Imaculado Coração de Maria-RS*. 2020. 132 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Teologia, Programa de Pós-Graduação em Teologia, Faculdade EST, São Leopoldo, 2020.
- WENZEL, João Inácio. *Pedagogia de Jesus segundo Marcos*. São Paulo: Loyola, 1997.

RECEBIDO: 28/02/2025

APROVADO: 15/09/2025

PUBLICADO: 09/12/2025

RECEIVED: 02/28/2025

APPROVED: 09/15/2025

PUBLISHED: 12/09/2025

Editor responsável: Waldir Souza